*(...) FOI MUITO DESAFIADOR PORQUE, ENQUANTO NÓS APARECIAMOS COM NOSSAS CAMISETAS PRETAS, EM FORMA DE LUTO E A PROTESTAR, OUTRAS MULHERES COMPRAVAM CAPULANAS PARA FESTEJAR E ZOMBAVAM DE NÓS. MAS ISSO NÃO NOS TIRA A VONTADE DE LUTAR PORQUE SE EXISTE UMA RAZÃO PARA LUTAR É PORQUE EXISTEM PESSOAS QUE ESTÃO CONTRA O AVANÇO OU DESENVOLVIMENTO DE UMA ÁREA NA QUAL NÓS ESTAMOS A LUTAR. NO CASO PARTICULAR, JÁ RECEBEMOS, POR CAUSA DAS NOSSAS CAMPANHAS, VÁRIAS AMEAÇAS, PRINCIPALMENTE NA QUESTÃO EM DEBATE ATÉ ENTÃO, QUE É O CASO DOS ATAQUES EM CABO-DELGADO.*

*- FLORA SIMANGO*

# ENTRE CÍCLOS DE CENSURA: UM PARADOXO PROCESSO DE ACTIVISMO FEMINISTA DIGITAL EM MOÇAMBIQUE | ENTREVISTA COM FLORA SIMANGO[1]

*BETWEEN CYCLES OF CENSORSHIP: A PARADOX PROCESS OF DIGITAL FEMINIST ACTIVISM IN MOZAMBIQUE. INTERVIEW WITH FLORA SIMANGO*

Alberto João Nhamuche[2]
Maria Manuel Baptista[3]
Hélia Bracons Carneiro[4]

**Resumo**: a presente entrevista reflecte um recorte de tese doutoral em curso, do Centro de Línguas, Literaturas e Culturas (CLLC), do Departamento de Línguas e Culturas (DLC) da Universidade de Aveiro (UA), em Portugal. O seu objectivo foi captar percepções e sentimentos de activistas feministas sobre a sua apropriação das plataformas digitais no âmbito da promoção do seu activismo em Moçambique. Neste sentido, conduzíamo-la com a feminista Flora Simango, activista e Gestora programática da Rede Mulheres Jovens Líderes de Moçambique. Importa salientar que foi uma entrevista online, através de plataforma Zoom, e decorreu no dia 19 de janeiro de 2022, tendo durado cerca de 2h (duas horas). Da análise do conteúdo resultou a compreensão de aspectos paradoxais: por um lado, o movimento apropria-se das plataformas digitais, com destaque para o Facebook, através de lives e outras formas de reuniões virtuais. Por outro, a mesma rede social é utilizada para efeitos de censura, desencorajamento e ameaças contra o movimento.
**Palavras-chave**: Activismo feminista; plataforma digital; facebook; Flora Simango.

**Abstract**: This interview reflects an excerpt from a doctoral thesis in progress, at the Center for Languages, Literatures and Cultures (CLLC), of the Department of Languages and Cultures (DLC) of the University of Aveiro (UA), in Portugal. Its objective was to capture perceptions and feelings of feminist activists about their appropriation of digital platforms in the context of promoting their activism in Mozambique. In this sense, we conducted it with feminist Flora Simango, activist and program manager of the Young Leaders Women Network in Mozambique. It should be noted that it was an online interview, via the Zoom platform, and took place on January 19, 2022, lasting about 2 hours (two hours). Content analysis resulted in an understanding of paradoxical aspects: on the one hand, the movement appropriates digital platforms, with emphasis on Facebook, through lives and other forms of virtual meetings. On the other hand, the same social network is used for the purposes of censorship, discouragement and threats against the movement.
**Keywords**: Feminist activism; digital platform; facebook; Flora Simango.

## 1 INTRODUÇÃO

A presente entrevista é um recorte de uma tese doutoral em curso, do Centro de Línguas, Literaturas e Culturas (CLLC), do Departamento de Línguas e Culturas (DLC) da Universidade de Aveiro (UA), em Portugal, e pesquisou o activismo feminista digital em Moçambique. Com o objectivo de compreender o processo de apropriação das plataformas digitais, pelo movimento feminista, na promoção do seu activismo, em Moçambique, conduzimos a entrevista com a feminista Flora Simango, activista da Rede Mulheres Jovens

[1] Gestora programática da Rede Mulheres Jovens Líderes de Moçambique.
[2] Doutorando em Estudos Culturais, Universidade de Aveiro.
[3] Professora Catedrática, Universidade de Aveiro.
[4] Professora Associada, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Líderes de Moçambique, cujo resultado é meramente de interesse académico. Foi uma entrevista online, por meio da plataforma Zoom, e decorreu no dia 19 de Janeiro de 2022, tendo durado cerca de 2h (duas horas).

**Alberto João Nhamuche (AJN)**: A Flora Simango pode falar do seu percurso da vida: onde nasceu, como cresceu e tornou-se activista feminista?

**Flora Simango (FS)**: Começo por agradecer ao Alberto por ter escolhido a Rede Mulheres Jovens Líderes de Moçambique para fazer parte dessa pesquisa. Eu chamo-me Flora Simango; nasci na cidade de Maputo. Depois, os meus pais foram transferidos para a cidade da Beira[5]. Então, cresci na cidade da Beira. Tenho 90% do DNA cultural e da minha formação como pessoa e como profissional de naturalidade beirense. Portanto, nasci em Maputo mas cresci e fui educada na Beira. O meu lado como profissional e activista começou muito cedo pois, até aos 12 anos de idade, já fazia programas radiofónicos na Rádio Moçambique. Ainda continuo como colaboradora até aos dias de hoje. Então na Rádio Moçambique foi onde comecei a apreender a respeitar os direitos de outra pessoa. Neste caso, reconhecer que o meu próximo tem direitos que para mim são deveres e, portanto, devo respeitar. Por via disso, eu formava-me como pessoa, como comunicadora e como activista. No princípio a defender causas como o acesso à educação para todas as crianças. Portanto, no activismo comecei com crianças. Na altura, na Rádio Moçambique haviam programas de crianças para crianças, nos distritos. Na medida que ia crescendo e tornava-me adolescente, continuava na Rádio Moçambique a fazer programas para adolescentes, sobre direitos sexuais e reprodutivos. Fomos tendo algumas capacitações sobre direitos humanos, sobre violência baseada no género. Como comunicadora, nós éramos formados para passar informações. Então, aquilo despertava mais vontade e curiosidade de saber mais sobre a violência baseada no género.

**AJN**: A Rede Mulheres Jovens Líderes de Moçambique é uma Rede de Mulheres Jovens liderando iniciativas em prol dos direitos humanos das Mulheres. Suas actividades consistem em mapear, visibilizar, unir e ampliar as vozes e contributos das Mulheres. Pode partilhar o motivo que leva a Rede a lutar por direitos das Mulheres?

**FS**: Como disse, anteriormente, o principal objectivo é mapear, visibilizar, unir e ampliar as vozes e contributos das Mulheres. Vivemos num mundo em que as mulheres são descriminadas por serem mulheres. Muitas nem sequer conhecem os seus direitos que são violadas constantemente, seja por homens assim como por outras mulheres. É por via disso que decidimos partir para a consciencialização não apenas de mulheres, mas, também dos homens de forma a haver coabitação minimamente humana, com respeito mútuo.

[5] Segunda maior cidade de Moçambique e capital da região Centro do país

**AJN**: Existe Associação LAMBDA, uma organização de cidadãos moçambicanos que advogam pelo reconhecimento dos Direitos Humanos das pessoas LGBT: lésbicas, gays, bissexuais e transexuais. Tendo em conta o objectivo daquela organização, pode comentar sobre alguma articulação, por favor?

**FS**: Bem, formalmente não temos ligações. Entretanto estamos abertos para qualquer tipo de colaboração, desde que não colida com a essência da nossa luta. Temos trabalhado com algumas organizações da sociedade civil, com objectivo comum com o da Rede Mulheres Jovens Líderes de Moçambique.

**AJN**: Tem havido alguns contactos de cooperação com algumas activistas que trabalham de forma particular? Em caso positivo, como tem sido?

**FS**: temos trabalhado com várias activistas. Por vezes fazemos capacitações em matéria de lideranças, direitos humanos, cidadania entre outras. Não temos memorandos formais, mas temos recebido várias contribuições no sentido de melhoramento da nossa forma de actuação.

**AJN**: A *internet* tem sido vista como uma grande oportunidade de expansão e de divulgação das acções de movimentos sociais. É possível afirmar que essa apropriação da *internet* pelo feminismo vem trazendo repressões e censuras que antes não ocorriam – ou, no seu entender, com a internet, particularmente com o Facebook, traz benefícios pela facilidade no compartilhamento de informações?

**FS**: Naturalmente, somos um grupo de feministas que tem levado à cabo as suas acções. Dentro disso, e com certeza, aparece aquele outro grupo que não apoia, que condena, que posiciona-se contrariamente, tentando denigrir, humilhar dentro e fora das nossas fronteiras. Então, temos essa visão ampla que, em todas as nossas actividades, sempre aparecerá alguém para contradizer. Mas isso não nos tira a vontade de lutar porque se existe uma razão para lutar é porque existem pessoas que estão contra o avanço ou desenvolvimento de uma área na qual nós estamos a lutar. No caso particular, já recebemos, por causa das nossas campanhas, várias ameaças, principalmente na questão em debate até então, que é o caso dos ataques em Cabo-delgado. Fizemos várias campanhas e decidimos não festejar o dia 7 de Abril de 2021[6], sem ter resposta daquilo que estava acontecendo em Cabo-delgado. Não tinhamos motivos para comprar capulanas novas, assar frangos sabendo que várias mulheres estão em partes incertas, fora de suas casas, fora de seus abrigos, sem certezas do seu amanha e com filhos raptados. Outras mulheres chegam a morrer em partos não assistidos. Então, nós, as mulheres, quando estamos em manifestação na Rede, também recebemos críticas. Recebemos críticas, até de algumas mulheres, por termos ido à

[6] Dia da Mulher moçambicana, oficializada em conexão com a morte de Josina Machel, esposa do primeiro Presidente de Moçambique, Samora Moises Machel.

imprensa, às mídias, às redes sociais, em todo o país. Mas não podiamos comprar capulanas enquanto as mulheres de Cabo-delgado estão fora de suas casas, outras abrigadas nos rios, sem nenhuma certeza do seu futuro. Algumas mulheres diziam 'vocês não deviam fazer isso, pois, estão a ser extremistas, exageradas. Nós não sabemos o que está acontecendo em Cabo-delgado'. Mas nós diziamos que 'é, mesmo, por não conhecermos a situação, que não podemos festejar'. Então foi muito desafiador porque, enquanto nós apareciamos com nossas camisetas pretas, em forma de luto e a protestar, outras mulheres compravam capulanas para festejar e zombavam de nós. Entretanto, por meio de campanhas que fizemos, conseguimos ter resposta do Presidente da República, pois, no dia de celebração, muitas mulheres, como Verónica a Macamo, juntaram-se à nossa causa e aclamaram de forma mais clara sobre a situação de Cabo-delgado. Então, para nós, o Facebook é uma plataforma livre, aberta e muito importante para o nosso activismo, tendo em conta que não têm como restringir as nossas publicações e comentários. É muito importante termos o Facebook porque, antigamente, quando um grupo quizesse reunir para debater alguns assuntos, devíamos pegar uma representante de Sofala, uma de Manica, uma de Tete, ou seja, uma por cada província e deslocá-la para Maputo ou Gaza. Isso tinha muitos custos, mas é o que faziamos antes das redes. Mas, agora, conseguimos não apenas reunir as pessoas de diversos lugares para definir estratégias de trabalho, como também, partilhamos no âmbito de divulgação, devido às facilidades criadas pelas redes sociais.

**AJN:** Com a *internet*, e nomeadamente com o *Facebook*, o movimento feminista encontrou uma nova frente para sua ação, a qual se tornou o meio por excelência para potencializar as lutas da esfera pública?

**FS**: Sim, sim, pois enquanto algumas pessoas estão a conversar, a debater, várias pessoas de diversos sítios já podem participar, ou seja, assistir e dar contribuições relevantes. Portanto, impulsiona, sim, o uso dessa rede social, pois, conseguimos transgredir as barreiras físicas, alcançando maior número de pessoas, sobretudo quando fazemos eventos *online*; transmitimos *lives* através de Facebook. Então, aproveitamos desta rede, também, para recolher ideias criativas de várias pessoas.

**AJN:** O feminismo é um movimento político que visa contribuir para a autoconsciência política das mulheres, através da elevação da autoestima e solidariedade das mulheres e consequentemente ao questionamento e desafio da desigualdade de género. O que tem a dizer sobre esta questão?

**FS**: O feminismo, mais do que uma forma de defesa nossa, como mulheres, é em busca de uma sociedade onde homens e mulheres podem posicionar-se de forma igualitária. Dentro do feminismo, quando for bem compreendido... Também a sua interpretação tem sido um

grande calcanhar de Aquiles para nós porque qualquer coisa que as mulheres fazem... Quando digo as mulheres não estou a falar da Rede em particular, mas estou a falar de homens e mulheres que quando tomam um posicionamento de cinquenta por cinquenta, não são compreendidos porque a própria filosofia do feminismo ainda não está bem interpretada. Reconhecemos que dentro do feminismo existem várias tipificações. Existe feminismo radical, mais estrutural, existe feminismo religioso. Então, há que ter nocção de que esta teoria ou abordagem deve transcender um grupo de pessoas contra outro grupo de pessoas mas, sim, trazer ideias igualitárias trazidas tanto por homens como por mulheres, para podermos ter uma sociedade livre e bem mais desenvolvida. Nós, como mulheres, como feministas, também temos tido apoio de homens feministas, que quebram barreiras e esteriotipos de género, que têm desalmentado ou desassociado da ideia de que aquilo que estamos a construir é contra os homens. Claramente, estamos contra alguns grupos ou algumas teorias como patriarcado, até que todos compreendam...até que Moçambique compreenda que, se estivermos todos de mãos dadas em torno do mesmo objectivo, teremos uma sociedade muito mais saudável. Teremos homens, mulheres, jovens e adolescentes muito mais empenhados e, logo, a ideia de o desenvolvimento de um país que precisa união de todos para poder avançar. Isso quebra a barreira de compreender que o feminismo não veio para lutar contra os homens. Isso é uma grande desinformação que nós, como moçambicanos, ainda temos. Só depois de pessoas compreenderem a essência do feminismo é que podemos ter acções bem mais claras, neste grupo feminista.

**AJN:** Na capa de entrada da página da Rede Mulheres Jovens Líderes de Moçambique, no Facebook, podemos ver imagem de mulher com peneira contendo amendoim e um homem brincando com uma criança. Que mensagem pretendem transmitir?

**FS**: É um indicador de adição de forças; uma consciencialização para a divisão de trabalhos na família. É preciso quebrar o pensamento segundo o qual apenas mulheres devem fazer trabalhos de casa. Não deve haver trabalho doméstico específico para um homem e para uma mulher. Tudo pode ser feito por todos, de forma coordenada.

**AJN:** A imagem da Rede, no Facebook, é uma mulher com boca selada por uma fita preta. Que significado atribuem à imagem?

**FS**: Nós, as mulheres, temos uma história de vida muito complicada pois os nossos direitos foram sendo negados desde a antiguidade. Aquela imagem demonstra o quão a mulher está sujeita ao silêncio e cumprimento apenas. Ela não pode falar... Se o fizer, será socialmente atribuida nomes e renomes. É a situação da sociedade na qual estamos inseridos. Tudo tem de ser homens a decidir.

**AJN:** No dia 3 de Dezembro de 2021, publicaram texto cujo conteúdo foi "diga não à violência baseada no género. Apoie e liberte mulheres e raparigas vítimas de violência". O *post* teve 2.300 visualizações e 4 partilhas. O que significa para a Rede?

**FS**: Bem, foi um grito de socorro, tendo em vista várias situações de violência no país, sobretudo pelos raptos em Cabo-delgado, onde várias mulheres e raparigas foram sequestradas e tomadas como esposas de terroristas. Aliado à esse facto, na semana de mulher (8 de março de 2021), lançamos concurso "foto-voz", numa altura gritante, em que não tínhamos respostas sobre a situação de Cabo-delgado. Mas, queriamos dentro disso, fazer busca de talentos. Além disso, queriamos mostrar à todo o país o que cada província estava a viver naquela época ou na situação em que nós estávamos a passar. Recuando para a situação de Cabo-delgado, leva-nos à questão da pandemia de Covid-19, em que muitas mulheres sentiram-se obrigadas a se reinventar, procurando soluções novas e diferentes para poder gerar rendas para as suas famílias. Muitas de nós perderam os empregos que tinham e não tinham tanta liberdade de fazer seus negócios. Então, a ideia era retratar situaçóes das mulheres em cada província, naquele momento de celebração não tão alegre para as mulheres em Moçambique. Era o retrato do real Moçambique naquela temporada. O retrato da realidade das mulheres moçambicanas naquela fase, não para revelar o lado mau das mulheres, mas para mostrar o que as mulheres estavam a passar, realmente. Como seres humanos, não podemos viver alheios ao sofrimento de outras pessoas; não podemos viver alheios à posição incerta de outras pessoas. Então, era isto que nós queriamos levar como mensagem. O concurso teve impacto muito grande. Contávamos que fosse algo pequenino mas superou as nossas expectativas, onde as televisões já comentavam; as pessoas já ligavam querendo juntar-se ao concurso "foto-voz". Então, na nossa avaliação, o concurso foi muito bem recebido, tirando dos homens que queriam fazem parte, com fotografias por publicar mas sem espaço.

**AJN:** Posteriormente, pouco mais de uma semana, a Rede publicou, novamente, dessa vez com outros dizeres: "Basta a impunidade! Basta a violência! Basta de Matalanes e Ndlhavelas"! O que pretendiam transmitir?

**FS**: As situações de cadeia feminina de Ndlhavela [7] e do Centro de instrução da PRM [8], em Matalane foram dos casos específicos. O que aconteceu podia ter sido tratado como uma situação isolada de algumas pessoas. Mas, dentro daquelas mulheres violentadas na cadeia de Ndlhavela, tem irmãs, primas, amigas (dentro de nós) e outras compatriotas moçambicanas. E isso é que deve ser levado em conta. Então aquilo foi um caso de abuso de poder; violência baseada no género. Portanto, através da rede social, conseguimos fazer campanhas de protestos numa situação em que tivemos respostas concretas; soluções

[7] Aluguer sexual de reclusas, pelos funcionários do estabelecimento penitenciário.
[8] Assédio sexual de instruendas, pelos respectivos instructores.

claras e salvaguardar os direitos daquela mulher que já está a responder pelo crime que ela cometeu. Está na cadeia, presa, privada de convívio familiar, privada de forma a corrigir o erro que cometeu quando estava dentro da sociedade. Então, ela não precisa de outra pena correcional, pois, já está cumprindo aquela dada pelo juíz. Portanto, através das nossas campanhas pelas redes sociais, conseguimos resposta rápida e a situação foi corrigida um pouco por todo o país. E, por meio dessa correção, ensinamos aos moçambicanos a sermos mais humanos, como cidadãos. Conseguimos ter soluções práticas e políticas.

**AJN:** Provenientes do uso de plataformas digitais, sobretudo do Fecebook, na sua opinião, que conquistas a associação obteve no seu activismo?

**FS:** A primeira grande conquista que conseguimos obter foi ter mulheres de todo o país juntas, e, isso deixa-me muito feliz, particularmente. Outro ganho, proveniente do uso do *Facebook*, foi ter conseguido uma base de dados das mulheres que estão desenvolvendo acções de luta contra a violência baseada no género. Isso faz com que, se alguém precisar de fazer trabalho connosco em Palma, Buzi, Vanduze ou outro distrito, possamos passar-lhe contacto de nossa "*focal point*" e facilitar o trabalho. É preciso recordarmos que Moçambique é um país muito vasto e diversificado culturalmente, mesmo do ponto de vista de riquezas. Então ter mulheres unidas numa única Rede é um ganho enorme para nós. Outro ganho, ainda, é que, uma Rede organizada tem tido facilidades para solucionar muitos problemas.

**AJN:** Quais são os principais desafios e perspectivas da Rede?

**FS:** Um dos principais desafios da Rede... bem, para poder manter uma página no *Facebook*, gostosa e apreciável, com informações actuais é preciso algum investimento financeiro. Então precisamos de condições financeiras para poder manter um fluxo de informações na nossa página. Outro desafio é não ficarmos parados, tendo em vista que as lutas pelo feminismo assumem dinámicas que implicam resignificação de seus valores. Portanto, precisamos de mantermo-nos actualizadas. Isto ajudará na melhoria de preparação e prestação de serviços ao nosso público-alvo. Há que destacar, dos nossos desafios, a necessidade de ligações com outras Redes nacionais e internacionais, com vista à cooperação estratégica no decurso do nosso trabalho, pois, a nossa luta é por Moçambique todo; não contra ninguém. Para isso, não devemos parar. Temos de continuar a explicar e mostrar para que a sociedade compreenda a importância da nossa luta. Continuaremos batendo as portas e estamos dispostas a receber qualquer iniciativa ou propostas que visam ajudar no nosso activismo, olhando sempre para frente, ou seja, para o desenvolvimento social.

**AJN:** Considerações finais?

**FS:** A primeira grande conquista que conseguimos obter foi ter mulheres de todo o país juntas, e, isso deixa-me muito feliz, particularmente. Outro ganho, proveniente do uso do *Facebook*, foi ter conseguido uma base de dados das mulheres que estão desenvolvendo acções de luta contra a violência baseada no género. Isso faz com que, se alguém precisar de fazer trabalho connosco em Palma, Buzi, Vanduze ou outro distrito, possamos passar-lhe contacto de nossa "*focal point*" e facilitar o trabalho. É preciso recordarmos que Moçambique é um país muito vasto e diversificado culturalmente, mesmo do ponto de vista de riquezas. Então ter mulheres unidas numa única Rede é um ganho enorme para nós. Outro ganho, ainda, é que, uma Rede organizada tem tido facilidades para solucionar muitos problemas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GUERRA I. C. **Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo**: sentidos e formas de uso. Cascais: Princípia, 2006.

MOÇAMBIQUE. Constituição da República de Moçambique. Maputo: Plural Editores. 2006.

MOÇAMBIQUE. Lei nº 10/2004 de 25 de Agosto.

**Recebido em: 29/04/2023**
**Aceito em: 21/06/2023**